

O CRISTIANISMO DE NIETZSCHE*

Robione Antonio LANDIM[√]

RESUMO

Este artigo pretende mostrar como Nietzsche critica a desvalorização da vida. Enquanto visão de mundo derivada do judaísmo e do platonismo que ensejam uma forma de vida fraca o cristianismo torna-se alvo das missivas nietzschianas. É certo que o filósofo é um crítico voraz dessa tradição religiosa. Ele não poupa palavras para mostrar isso. No entanto, ele o faz de modo peculiar e a partir de um critério: em que medida um sistema favorece ou enfraquece a vida? Como esperamos demonstrar, esse critério perpassa todas as críticas dele ao cristianismo, desde a sua noção de Deus à construção de sua moral, cujo princípio valorativo despreza o corpo, a terra e, com efeito, enfraquece a vida. Afinal, se a crítica ao cristianismo encontra na negação da vida sua base, Nietzsche não é pura e simplesmente um demolidor da religião em si.

Palavras-chave: Nietzsche. Cristianismo. Desvalorização da vida.

1 INTRODUÇÃO¹

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) é um dos pensadores mais controvertidos de nosso tempo. Deixou-nos uma obra polêmica que continua no centro do debate filosófico. Esse caráter polêmico, entre outras razões, se dá em virtude da obra de Nietzsche ser marcada por uma pluralidade de interpretações: poeta, de modo algum filósofo: seus escritos tiveram mais repercussão na literatura do que em qualquer outra área; pensador antissistemático: recusou de maneira

* Artigo recebido em 02/06/2022 e aprovado em 11/07/2022.

[√] Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente de Filosofia no Centro Universitário Academina (UniAcademia). E-mail: ralandim@yahoo.com.br.

¹ O presente artigo é um recorte feito a partir da minha tese de Doutorado **Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche**, defendida em 2017, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF. Para mais informações consultar: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5623?mode=full>. Acesso em: 01 jun. 2022.

explícita os sistemas filosóficos. Isso, contudo, não o impede de se mostrar coerente; autor contraditório: autores, como Karl Jaspers (1963), sustentaram que sua obra abrigava enunciados contraditórios. Crítico implacável da religião interpretaram-no de maneira inapropriada seus ataques à religião e à moral cristãs, considerando-o como seu destruidor.

Este artigo não tem por objetivo apenas evidenciar as diversas críticas de Nietzsche ao cristianismo, tema, aliás, recorrente e bastante estudado pelos comentadores de sua obra. Mais do que isso, nossa intenção é mostrar como Nietzsche critica a desvalorização da vida. É importante que isso fique bem compreendido. É certo que Nietzsche é um crítico voraz do cristianismo. Ele não poupa palavras para mostrar isso. No entanto, ele o faz de modo peculiar e a partir de um critério: em que medida um sistema favorece ou enfraquece a vida? O cristianismo enquanto visão de mundo derivada do judaísmo e do platonismo que ensejam uma forma de vida fraca torna-se alvo das missivas nietzschianas. Como esperamos demonstrar, esse critério perpassa todas as críticas dele ao cristianismo, desde a sua noção de Deus à construção de sua moral, cujo princípio valorativo despreza o corpo, a terra e, com efeito, enfraquece a vida. Esse argumento é importante para nossa intenção aqui. Afinal, se a crítica ao cristianismo encontra na negação da vida sua base, Nietzsche não é pura e simplesmente um crítico da religião em si.

2 O CRISTIANISMO SOB SUSPEITA

Considerando a crítica à desvalorização da vida como guia que nos auxilia a compreender o discurso hostil de Nietzsche em relação à religião cristã, então, faz-se necessário apresentar primeiro como esse critério contribui para entender a própria noção de cristianismo. Para tanto, partiremos do escrito de 1888, *O Anticristo*, cuja publicação é datada de 1895. Neste texto, Nietzsche deixa evidente o que propriamente está em jogo em sua compreensão do cristianismo e como essa tradição se mostra como negadora da vida. Isso mostra a importância dessa obra para os propósitos do presente trabalho.

Em *O Anticristo* (2007), percebe-se por parte do seu autor um argumento contundente dirigido ao cristianismo, traduzido no subtítulo como “maldição ao cristianismo”. Para entender essa maldição dirigida ao cristianismo é importante

destacar que Nietzsche a faz não simplesmente porque ele é um demolidor de toda forma de religião. Aqui o filósofo não está meramente a bradar o seu grito de vitória sobre uma doutrina ou até mesmo sobre uma instituição que julga falsa. Bem ao contrário, procura alertar para um problema ainda mais latente.

A novidade² da acusação filosófica nietzschiana gira em torno de sua perspectiva que, ao longo de sua filosofia, se configura como uma crítica radical tanto da religião quanto do conjunto de convicções que constituem a consciência do homem culto de seu tempo. De maneira mais específica, o que merece destaque na leitura de Nietzsche é que ele percebe o cristianismo intimamente conectado com uma moral, contribuindo assim para o desenvolvimento de determinado tipo de humanidade. Ele é compreendido como formador de uma cultura. Compreendido nessa ótica, Nietzsche não se propõe questioná-lo enquanto doutrina religiosa, mas compreendê-lo como fenômeno moral, cujos valores modelaram e conduziram o projeto civilizatório ocidental.

O cristianismo é evidenciado enquanto religião que historicamente degradou um tipo de homem forte, contaminada por uma moral de superação dos instintos. Segundo essa moral, o homem cristão se mostra como contrário ao natural. Ele é possuído por um sentimento de indignidade ao que é natural, à realidade. Donde resulta a avaliação nietzschiana de que o cristianismo, ou melhor, que os valores aos quais a humanidade aspira são “*valores de décadence*” (NIETZSCHE, AC³, §6, p. 13, grifos do autor).

² Antes de Nietzsche já existia críticas à religião, como a de Feuerbach (2009) expressa em sua obra **A essência do cristianismo**. Seu parecer acerca da religião, a rigor, busca esclarecer e compreendê-la enquanto algo natural, como fato humano, totalmente humano e não na ilusão da teologia, isto é, um conjunto de proposições dogmáticas, ou história bíblica, ou especulação filosófico-teológica. **A essência do cristianismo**, ao investigar sobre a religião em geral, ainda que tratando principalmente do cristianismo, apresenta a verdadeira essência da religião: que os predicados atribuídos a Deus são sempre humanos, portanto, não há diferença alguma entre o sujeito (Deus) e o predicado (o homem). Ao operar uma redução dos predicados divinos aos dos humanos, Feuerbach não os nega, mas apenas o seu sujeito ilusório. Desse modo, o que era Deus para a teologia clássica, em Feuerbach tornou-se gênero humano. A essência do homem, para Feuerbach, é a essência genérica. O indivíduo não tem sua essência em si, mas no gênero; o gênero é a essência do indivíduo. Sobre isso, suspeita Urbano Zilles: “não seria a essência do gênero humano também uma abstração? Não estaria o indivíduo projetando algo para fora de si?” (ZILLES, 1991, p. 114). Isso revela, para Zilles, o quanto Feuerbach não conseguiu libertar-se totalmente da metafísica teológica, pois em momento algum fundamenta a infinitude da essência humana, mas simplesmente a postula. Ele simplesmente mudou os atores, mas não o roteiro.

³ É consensual, ao citar trechos dos escritos de Nietzsche, se referir sempre a sigla da obra em questão, seguido do número do aforismo citado. Neste trabalho, faremos da página de onde foi extraído o fragmento. As siglas para as obras nietzschianas usadas neste estudo são: AC (2007), ZA (2011), BM (2005), GM (1998), GC (2001). Além destas obras, faremos menção aos Fragmentos póstumos (FP) que foram organizados e publicados após a morte do autor.

Décadence é um termo apropriado por Nietzsche da obra de Paulo Bourget, sobretudo em *Essais de psychologie contemporaine*. Com a filosofia nietzschiana, *décadence* se caracteriza à luz da vontade de poder e, conseqüentemente, se amplia à dinâmica de realização da própria vida: “Onde, de alguma forma, declina a vontade de poder, há sempre um retrocesso fisiológico também, uma *décadence*” (NIETZSCHE, AC, §17, p. 22). Quer dizer que o enfraquecimento da vontade de poder viabiliza um processo fisiológico chamado *décadence*. Com efeito, por ser um processo fisiológico, se refere à dissolução de um corpo, de uma unidade vital determinada. No entanto, ao falar de declínio da vontade de poder, Nietzsche não está se referindo a nenhum princípio substancial, mas somente ao princípio hierarquizador da totalidade que forma o singular. A vontade é, nesse sentido, entendida como o resultado do embate entre forças que se distinguem entre si. Nietzsche retira da vontade o sentido de uma faculdade, ou seja, ela não é um princípio metafísico atuante ou movente. Enfraquecimento da vontade de poder consiste, portanto, na diminuição de poder daquelas forças que estruturam uma “unidade” determinada. Mas quando isso acontece, abre-se espaço para que outras forças possam configurar “um novo corpo”, “uma nova unidade”. Essa é a dinâmica, o ritmo da vida:

O tempo certo de cada singular não pode ser outro senão aquele referente à capacidade de perpetuação de seu afeto do comando. Enquanto a perspectiva estruturadora do corpo que o singular é conseguir perpetuar seu poder de hierarquização das demais perspectivas congêneres, ela garante seu tempo de vigência. Seu tempo de duração refere-se, então, à capacidade de o afeto do comando do singular prosseguir em seu movimento autossuperador (CABRAL, 2014, p. 387).

Negar esse processo típico da vontade de poder implica numa decadência que busca perpetuar um corpo sem confronto, mas onde falta a vontade de poder, há declínio. É nessa perspectiva que Nietzsche compreende o cristianismo como uma fórmula da *décadence*. Em sua forma de valorar, de autoconservação, ele inverte a “lógica” da vontade de poder. Nessa inversão, acaba estimando o que é desvantajoso. Ora, tal forma de valorar se mostra para Nietzsche como uma corrupção da vontade de poder. Isso equivaleria a exigir de uma força que ela seja fraca. Porém, a força é vontade de poder e onde “falta a vontade de poder, há declínio” (NIETZSCHE, AC, §6, p. 13).

Nietzsche concebe o valor como o incremento de configurações humanas de domínio, isso torna ainda mais claro e evidente a sua crítica em relação aos valores cristãos vistos como decadentes, sem uma força criadora. Mais ainda. Eles possuem um efeito depressivo. Conhecido como a religião da compaixão, o cristianismo se opõe aos afetos tônicos que elevam o sentimento de vida. A ousadia cristã em considerar a compaixão como virtude, o lugar a partir do qual se alcança a **verdadeira vida**, a bem-aventurança, a salvação, tal ousadia, com efeito, lançou sobre a vida mesma um aspecto sombrio e questionável. Quer dizer, a vida foi persuadida ao nada... Isto é, ela foi negada! É nessa perspectiva, segundo Nietzsche, que o cristianismo se tornou “um instrumento capital na intensificação da *décadence*, como *multiplicador* da miséria e como *conservador* de tudo que é miserável – a compaixão persuade ao *nada!*...” (NIETZSCHE, AC, §7, p. 14, grifos do autor).

Desse modo, ao se dirigir à religião cristã de maneira contundente, o autor de O Anticristo o faz, antes de mais nada, porque a vê como um sintoma da decadência dos impulsos vitais (MARTON, 2010), como uma desvalorização da vida. A maldição ao cristianismo, assim, se justifica na medida em que ele é compreendido de modo contrário aos instintos de uma vida forte. Por essa razão, tal forma religiosa passa a ser acusada como aquela que ao se fechar para o caráter autossuperador da vontade de poder dissemina a desnaturação dos valores afirmativos na dinâmica da vontade de poder, considerando como um tipo mais digno de vida tudo o que é fraco, baixo, malgrado e promovendo um tipo de homem despotencializado. Assim, o cristianismo

transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como *tentações* os valores supremos do espírito (NIETZSCHE, AC, §5, p. 12, grifos do autor).

Na medida em que os valores e ideais cristãos, disseminados por todos os lugares hoje em dia e que expressam os mais altos desejos da humanidade atual, são considerados como contrários aos instintos de uma vida forte, eles, segundo Nietzsche, não passam de valores decadentes, que se tornaram hegemônicos no Ocidente. Ao travar guerra contra um tipo de vida forte, o cristianismo realizou uma

desvalorização de todos os valores e ideais nobres, os quais constituem o eixo do projeto nietzschiano sobre a vontade de poder e o além-do-homem (*Übermensch*).

Em sua forma de valorar, marcado por uma reação contra os valores nobres e instintos fortes, o cristianismo cometeu um espetáculo pavoroso: ele deteriorou o homem, corrompeu a vida. “Para autopreservar-se, o vivente decadente ‘calcifica’ o seu arranjo vital já em decomposição e não permite que esse arranjo sucumba para abrir espaço para uma nova determinação de si mesmo” (CABRAL, 2014, p. 391).

É interessante notar que essa corrupção continua precisamente até hoje, pois ainda se acredita e se aspira às **virtudes** cristãs, mesmo lá onde a forma religiosa não aparece em seus contornos mais evidentes. Vale observar que o destaque para a expressão virtude não acontece de maneira ingênua e fortuita. Trata-se de demarcar o sentido que esse termo assume para a filosofia nietzschiana. Ou seja, muito mais do que uma virtude no sentido estrito da palavra (que significa força), para Nietzsche, a conotação do termo evidencia justamente o seu contrário, a saber, um *status* de decadência, uma fraqueza. Desse modo, todos os valores e **virtudes** cristãs assumidas enquanto tais pela humanidade se estabilizam em detrimento da vida. O cristianismo se tornou o dispositivo de maior disseminação dos valores decadentes que resistem a dizer sim à existência.

2.1 DA CRÍTICA AO CRISTIANISMO À ANÁLISE DA CULTURA

Vimos que a polêmica de Nietzsche contra a religião cristã é mais radical do que simplesmente destruir todas as religiões. Para ele, a religião cristã disseminou valores decadentes que negam a existência. Mediante esse diagnóstico, Nietzsche quer assumir uma postura de médico de uma cultura que se encontra doentia, fragilizada, porque está infectada por todos os lados pelo sangue do teólogo, isto é, pelos valores e ideais cristãos que em suas avaliações contradizem a vida. Esse vírus se espalha, como uma metástase, por todas as dimensões da cultura como a religião, a filosofia, a arte, a política.

Nesse sentido, Nietzsche quer denunciar a enfermidade ocidental comum ao filósofo e ao cristianismo. Sua reação ácida contra este último está no fato de ser essa tradição a genitora da consciência ocidental. Enquanto religião que desvaloriza a vida, torna-se a responsável pela enfermidade mascarada de uma aparente saúde.

Para Nietzsche, o cristianismo não se restringe a uma religião no sentido próprio do termo. Está para além dessa noção. De acordo com Eugen Fink,

O cristianismo representa algo de mais geral: não representa uma dada metafísica, não tão-pouco uma dada avaliação, mas sim a *avaliação da metafísica*, a avaliação de toda interpretação ocidental do ser, a interpretação que, *à luz das ideias*, à luz de um mundo supraterrrestre, autêntico e “verdadeiro”, concebe o sensível, o terrestre, o corpo como algo de provisório, inautêntico e aparente (FINK, 1988, p. 149, grifos do autor).

Promover guerra contra o instinto de teólogo é mais do que se colocar contra uma teologia no sentido de uma doutrina específica. Visto que esse tipo sanguíneo corre por todas as veias da cultura, inclusive na filosofia, para Nietzsche, “o sangue do teólogo” não é exclusivo da religião cristã. Logo, a cultura em todas as suas dimensões, na qual o filósofo está inserido, torna-se um prolongamento daqueles valores que desvalorizam a vida. Em suas palavras: “Esse envenenamento vai muito mais longe do que se pensa: reencontrei o instinto de arrogância dos teólogos onde quer que hoje alguém se ache ‘idealista’ – onde, em virtude de uma origem mais elevada, arrogue-se o direito de olhar para a realidade de modo alheio e superior...” (NIETZSCHE, AC, §8, p. 15). Nessa perspectiva, até onde o cristianismo não se reveste mais de sua forma dogmática deve-se procurá-lo. Assim, deve-se entender que seu discurso hostil ao cristianismo não se restringe a ele, mas também se estende por toda a civilização ocidental, em todos os seus segmentos e correntes de pensamento que ainda inspiram e aspiram ao valorar típico do cristão.

Para Nietzsche, a religião, a moral e a metafísica estão intimamente ligadas. Não são dimensões autônomas, separadas. É com esse espírito que ele acusa ser a própria idade moderna bombeada por esse tipo sanguíneo, pois, “dessa modernidade estávamos doentes” (NIETZSCHE, AC, §1, p. 10, grifo do autor). Intimamente ligado à sua época, o filósofo lança sua crítica de forma radical ao mundo em que vive, não deixando escapar nem mesmo seus conterrâneos, ao afirmar que entre os alemães encontra-se também a filosofia corrompida pelo sangue dos teólogos.

Assim, a filosofia alemã ainda trilha o caminho que conduz ao velho ideal, ao **mundo verdadeiro**. Em outras palavras, ela manteve a fé cristã no sentido de ter elevado a dicotomia sensível/suprassensível (o bem em si) a *status* de princípio determinante da vida, do comportamento, dos conceitos morais, das

expressões religiosas. Nesse sentido, em *O Anticristo* (2007) a sua acusação se dirige particularmente a Kant, quem não obstante defendeu a impossibilidade de se chegar a Deus pelo viés da razão teórica, postulando sua existência na razão pura prática. Por isso, para Nietzsche, o sucesso de Kant é apenas um sucesso de teólogo, ele não problematizou **Deus**, mas manteve aberta a trilha para o velho ideal. “A ‘virtude’, o ‘dever’, o ‘bom em si’, o bom com o caráter da impessoalidade e validade geral – fantasias nas quais se exprime o declínio, o esgotamento final da vida, o chinesismo königsberguiano” (NIETZSCHE, AC, §11, p. 17, grifos do autor).

Em suma, a palavra de Nietzsche contra Kant como uma filosofia perigosa para a vida se dá em vista de que para este é o imperativo categórico, o dever que guia a ação moral e não o prazer, os interesses pessoais como pensava aquele, para quem uma virtude tem que ser nossa invenção, nossa defesa e necessidade personalíssima. Assim, segundo Nietzsche, o respeito simplesmente pelo dever é prejudicial, é esgotamento da vida.

Também a ciência se mostra como uma pele sob a qual se escondem os valores e ideais cristãos. Através dessa identificação, Nietzsche não se intimida e lança seu martelo em direção à ciência. Para ele, quando esta se arroga portavoza de uma verdade última sobre a realidade, revela-se como um discurso final acerca das coisas e não enquanto uma abertura permanente à investigação da realidade. Ora, tendo em vista uma vontade de verdade absoluta, a ciência moderna não representaria a negação do cristianismo, senão sua realização. Ainda que os tempos modernos signifiquem certa supremacia do saber em relação à fé, dando a entender que haja uma desconfiança nutrida por parte da cientificidade contra a interpretação cristã do sentido geral da existência, no fundo, adverte Giacóia Júnior:

Não há, pois, ruptura irreconciliável entre Ciência e Fé; a cientificidade moderna não é a negação, mas a realização do Cristianismo: a exacerbação da vontade incondicional de verdade, que acaba por levar à desconfiança na interpretação cristã da existência, é, em verdade, a consumação da moral cristã, consumação que se apresenta, historicamente, como sua negação e superação necessária (GIACÓIA JÚNIOR, 1997, p. 40).

Portanto, a desconfiança lançada sobre a interpretação cristã do mundo e da história é também uma suspeita em direção à própria ciência enquanto crença absoluta numa verdade alcançável por meio das categorias da razão. Segundo Nietzsche, a fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica, a saber, de que a verdade é divina. Essa confiança é uma herança oriunda da crença cristã, cuja raiz encontra-se também no platonismo, tal como entendido por Nietzsche. Noutras palavras, também a modernidade continuaria a construção do **mundo verdadeiro**. Esse é manifestado agora no âmbito do conhecimento científico, cuja visão positivista e explicação naturalista, causal e mecanicista do universo revelam a razão como guia da humanidade para o progresso, e este se torna a lei inelutável da história.

A confiança na razão e na técnica vai se tornando soberana, de tal modo que ela passa a ser a porta-voz de uma verdade, de uma explicação acerca de todas as coisas, propondo um mundo, uma existência melhor que a de outras épocas. Tal crença na razão em si procura disfarçar o caráter trágico da condição humana através da construção de uma verdade absoluta. Em outras palavras, na filosofia nietzschiana a razão não exerce mais aquele domínio adquirido na modernidade, sobretudo com e a partir da filosofia cartesiana, que na leitura de Heidegger tornou-se decisiva para a fundamentação da metafísica moderna. Afinal, “sua tarefa foi *fundar o fundamento metafísico da liberação do homem para o cerne da nova liberdade como autolegislação segura de si mesma*” (HEIDEGGER, 2007, p. 108, grifos do autor).

Em Nietzsche, o sentido de razão, de intelecto e de vontade são reinterpretados à luz da fisiologia e não mais assumidos em uma perspectiva filosófica tradicional, isto é, metafísica. Ou seja, considerados no âmbito fisiológico, tais noções surgem e se desenvolvem enquanto meio para a sobrevivência. No limite, a razão não é um órgão vocacionado ou dotado de uma faculdade do conhecimento ou da verdade. A maneira pela qual Nietzsche aborda a questão inscreve-se numa perspectiva naturalista. Portanto, é a vida enquanto vontade de poder que fornece o paradigma da antropologia nietzschiana, de maneira que nesse sentido a noção de vontade, que antes era entendida como o elemento conceitual que definia o homem, agora é considerada apenas para “designar uma resultante, uma espécie de reação individual que necessariamente sucede a uma quantidade de estímulos, em parte contraditórios, em parte harmoniosos: - a vontade não ‘atua’

mais, não ‘move’ mais...” (NIETZSCHE, AC, §14, p. 20, grifos do autor). Com a objeção em relação a essas categorias assumidas tradicionalmente numa perspectiva metafísica, Nietzsche apresenta seu projeto filosófico de transvalorar todos os valores, inclusive sua compreensão de religião.

Visto que a maldição nietzschiana não é lançada exclusivamente à religião cristã enquanto uma instituição específica, mas compreende como parte dessa crítica toda a cultura em geral, o filósofo, por meio de sua reflexão filosófica, pretende curar o mau que contamina o mundo Ocidental. Mas para isso ele precisa manejar seu bisturi contra essa doença que lhe tira a saúde, que lhe enfraquece dia-a-dia, a saber, a moral e a religião cristãs.

O cristianismo ao mesmo tempo em que multiplica, também conserva a miséria quando, através dos filósofos sacerdotais e de todos que possuem sangue de teólogos nas veias, desvaloriza a realidade enquanto tal em detrimento de um **além mundo** tido como superior, ideal, verdadeiro. Nessa perspectiva, o cristianismo que se faz presente por todos os lados é merecedor de uma condenação, já que se mostrou uma tendência hostil à vida, isto é, oposto àquilo que, na leitura nietzschiana, mais caracteriza a vida em seu interior, a vontade de poder. Numa vontade de crescimento, de desenvolvimento e de potência é que se encontra, precisamente, a vontade de viver.

Contraopondo-se às concepções metafísico-religiosas, Nietzsche suspeita que nem a filosofia, nem a moral, nem a ciência, nem a religião cristã possuem um ponto de contato com a realidade. Essas outras formas culturais, mesmo não sendo dogmaticamente cristãs, perpetuaram o eixo axiológico inerente ao cristianismo, de maneira que através de seus conteúdos asseguram ainda a crença nos valores supremos que negam a realidade para afirmar o além. Este é entendido como um ideal, um **mundo verdadeiro** a ser alcançado. Tais valores que se disseminaram e se estabilizaram com a religião cristã se mostram nocivos à dinâmica ascendente e afirmadora da vontade de poder. Conseqüentemente, não passam de estimativas avaliadoras que falseiam, desvalorizam e negam a realidade da vida.

Uma evidência que aponta na direção de que a crítica à religião se estrutura na medida em que ela enfraquece a vida pode ser percebida na quantidade de vezes em que isso é mencionado. Praticamente, em todos os momentos que Nietzsche critica o cristianismo em *O Anticristo* (2007) aparece alguma afirmação para apontá-lo como enfraquecedor da vida (vide, AC, §5, §6, §7, §18, §24, §25,

§27, §43, §51, §58, §62, pp. 11, 12, 14, 23, 30, 31, 34, 50, 62, 75, 79, respectivamente). Se o cristianismo se mostra com esse perfil, Nietzsche não hesita em lançar sua condenação:

Quero inscrever essa perene acusação ao cristianismo em todos os muros, onde quer que existam muros – eu tenho letras que até os cegos enxergarão... Eu declaro o cristianismo a grande maldição, o grande corrompimento interior, o grande instinto de vingança, para o qual meio nenhum é suficientemente venenoso, furtivo, subterrâneo, *pequeno* – eu o declaro a perene mácula da humanidade... (NIETZSCHE, AC, §62, p. 79-80).

Essa compreensão do cristianismo como negador da vida também é articulada na obra fundamental de Nietzsche, a saber, Assim falou Zaratustra. Aqui a religião cristã é compreendida como religião dos trasmundos. Vejamos o que isso significa.

2.2 O SENTIDO DE CRISTIANISMO EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA

Na obra Assim falou Zaratustra (2011), cuja personagem principal sabe da morte de Deus⁴, Nietzsche/Zaratustra também identifica e acusa a religião cristã como aquela que se define em uma estrutura de pensamento religioso que busca afirmar uma vida débil.

Nesse escrito, que marca a fase madura do pensamento nietzschiano, voltaremos nosso olhar para analisar a seção **Dos trasmundanos**, na qual se compreende o cristianismo como aquele que aponta para os trasmundos. Ao estabelecer o além, o absoluto, o transcendente, tomados em um sentido espiritualista, descorporificado e deshistoricizado, portanto, como ideal, como sentido que salva o humano do sofrimento, das incertezas e contradições da vida, institui-se uma doutrina dualista que permite por um momento promover a vida, mas que a longo termo se revela hostil a ela. Desse modo, a morte de Deus já sabida por Zaratustra é um aspecto importante que possibilita compreender a crítica nietzschiana ao cristianismo enquanto religião que promove uma vida fraca.

Sendo assim, de que maneira aquele anúncio possibilita interpretar a crítica ao cristianismo? Diante da morte de Deus que manifesta de maneira radical a perda

⁴ O anúncio da morte de Deus aparece no fragmento 125 do livro A gaia ciência (2001).

de toda e qualquer possibilidade de alcançar um sentido transcendente para a vida, o cristianismo é identificado como uma estrutura de pensamento religioso que opera enquanto forma niilista, isto é, como tentativa de afirmação de uma vida fraca. Como isso se mostra?

Em Assim falou Zaratustra, na seção **Dos Trasmundanos**, Nietzsche, através de seu personagem Zaratustra, propicia tomar sintomaticamente o cristianismo a partir dos trasmundos (NIETZSCHE, ZA, Dos Trasmundanos, p. 31-34). O que isso quer dizer?

Compreender o cristianismo em vista dos trasmundos significa que ele sobrepõe o transcendente ao imanente, o imutável sobre o mutável e o devir, a verdade absoluta sobre as perspectivas relativas. Noutras palavras, a religião cristã é uma espécie de “platonismo para o povo” (NIETZSCHE, BM, Prefácio, p. 8). Ou seja, assim como o platonismo é compreendido como um pensamento estritamente em função da doutrina dos dois mundos - dualismo -por considerar como verdadeiro o que se identifica ao estável e como falso o vir-a-ser, que é associado à aparência, também o cristianismo é designado em vista desse dualismo. Para recorrer a uma expressão do Assim falou Zaratustra, o cristianismo é, nesse sentido, compreendido em direção aos trasmundos. Mas qual o significado filosófico nietzschiano dessa interpretação?

Ao manter e reproduzir a confiança nos ideais, típicos do platonismo, que concebe o mundo de maneira petrificada, isto é, compreende-o sem o movimento ou, então, lendo o movimento como algo falso no mundo, Nietzsche vai se dando conta de que o cristianismo, de mãos dadas com o pensamento platônico, gera uma determinada visão de mundo. Nessa cosmovisão, sacraliza-se o mundo, compreendendo o ser como uno, eterno e imutável. Do ponto de vista da filosofia nietzschiana, tal sacralização contribui para uma visão de mundo um tanto enfraquecida, pois se mostra como castradora da multiplicidade, ou seja, do mundo como devir. Dito de outra maneira, o cristianismo enquanto platonismo inverte o valor humano, substituindo os determinantes da natureza por construções fictícias em vista de proteger os esgotados da vida.

Significa dizer ainda que para dar sentido à finitude, sobremaneira pelo sofrimento imposto pela morte, o cristianismo propôs o além, o absoluto, o transcendente tomados em um sentido espiritualista, descorporificado e deshistoricizado, portanto, como ideal, como sentido que salva o humano da dor das

incertezas, contradições e efemeridades da vida. Essa é a marca fundamental da política de sentido promovido pelo ideal ascético, ou seja, em vista de oferecer um sentido para o sofrimento do homem, considerou esta vida em relação à outra existência, mais feliz e eterna (RIBEIRO, 2013).

Traço essencial de nossa cultura, a metafísica dualista se apresentou como salvadora da enfermidade de uma vida que prefere o nada, marca da doença que se apresentou, contraditoriamente, como saúde e verdade absoluta. Na medida em que o cristianismo se limita a ser um platonismo para o povo, assume, em nossa época, a forma do niilismo. Ou seja, o nada é o **lugar** para onde nos conduz o cristianismo. A religião cristã rima com o niilismo⁵.

Sobre o pensar metafísico-cristão que tentou impor a existência de outro mundo, de um mundo verdadeiro, essencial, imutável, complementa Nietzsche: “Mas ‘aquele mundo’ está bem escondido dos homens, aquele desumanado mundo inumano, que é um celestial Nada” (NIETZSCHE, ZA, Dos Trasmundanos, p. 33). Mas por que a religião cristã concebida em direção aos trasmundos é merecedora de críticas?

O combate nietzschiano em relação à religião dos trasmundos se justifica na medida em que esta faz uma leitura parcial da vida e, nessa parcialidade nega-a em sua totalidade, evocando outro mundo, isento de sofrimentos, como razão para vivê-la. Zaratustra apresenta esse conhecimento quando, em **Dos pregadores da morte** discursa:

Existem pregadores da morte; e a terra está cheia daqueles a quem se deve pregar o afastamento da vida. A terra está cheia de supérfluos, a vida é estragada pelos demasiados. Que sejam atraídos para fora dessa vida com a ‘vida eterna!’ [...] Mas somente eles estão refutados, e seu olhar, que enxerga somente *uma* face da existência (Nietzsche, ZA, Dos pregadores da morte, p. 44-45, grifo do autor).

Ao contrário do pensar metafísico e da compreensão cristã que consideram a vida como uma mera passagem, um estágio necessário destinado a realizar-se em outra existência, a vida em Nietzsche é considerada em sua totalidade, isto é, em

⁵ Trato com mais detalhes sobre **A relação entre niilismo e cristianismo na filosofia tardia de Nietzsche** na minha dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, UFJF (LANDIM, 2013). Para mais informações consultar: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/919>. Acesso em: 01 jun. 2022.

sua complexidade existencial. Antes de tudo, é preciso aceitar a vida no que ela tem de mais alegre e exuberante, mas também de mais terrível e doloroso. Compreendida em sua completude, a vida torna-se o critério de avaliação da filosofia nietzschiana. Ela é o sentido de si mesma. Apreciar a religião pelo crivo da vida equivale a perguntar se ela é sinal de plenitude ou de sua degeneração. Mas o que vai determinar a religião como plenitude ou desvalorização da vida?

De acordo com Nietzsche em *Para além do bem e do mal*, “A influência cultivadora, seletiva, isto é, tanto destrutiva quanto criadora e modeladora, que se pode exercer com a ajuda das religiões, é sempre múltipla e diversa, conforme o tipo de homens colocados sob seu domínio e proteção” (NIETZSCHE, BM, *A natureza religiosa*, §61, p. 58). Quer dizer que, mais do que a religião, força ou fraqueza dependem dos homens que se valem dela. Na seção 61, basicamente, o filósofo quer ressaltar o caráter criador da religião. Para ele, os valores religiosos podem ser utilizados como meios de cultivo e educação. Nesse sentido, a religião é vista como positiva, funcionando como meio de se condicionar à realidade. Para os homens fortes, diz Nietzsche, “a religião é mais um meio de vencer resistências para dominar” (NIETZSCHE, BM, *A natureza religiosa*, §61, p. 58). No entanto, ela também serve de mecanismo para que os mais fracos dominem.

A religião e a significação religiosa da vida lançam um raio de sol a essas criaturas atormentadas e lhes tornam suportável inclusive a própria visão, têm o efeito que uma filosofia epicurista costuma ter em sofrendores de uma categoria mais elevada, aliviando, refinando, como que se *aproveitando* do sofrimento, chegando inclusive a santificá-lo e justificá-lo (NIETZSCHE, BM, *A natureza religiosa*, §61, p. 59, grifo do autor).

Quer dizer que a religião, na medida em que é usada como um meio de cultivo e educação, proporciona aos mais fracos o contentamento com a ordem real, no interior da qual vivem tão duramente. Ela faz com que os mais fracos não questionem determinada realidade, porque gera neles certa satisfação. O problema que Nietzsche vê nas religiões é quando elas “não se acham em mãos de filósofo como meios de cultivo e educação, mas atuam de maneira soberana por si, querendo elas mesmas ser os fins e não meios entre outros meios” (NIETZSCHE, BM, *A natureza religiosa*, §62, p. 59). Aí reside a sua crítica às religiões como o budismo e o cristianismo.

Segundo Nietzsche, essas duas religiões se tornam estratégias de conservação dos fracassados. Por mais que se estime esse cuidado atencioso e conservador, na medida em que ele se aplica e se aplicou além dos outros tipos de homem, àquele mais elevado, “no balanço total as religiões *soberanas*, as que até agora tivemos, estão entre as maiores causas que mantiveram o tipo ‘homem’ num degrau inferior – conservaram muito do que *deveria perecer*” (NIETZSCHE, BM, A natureza religiosa, §62, p. 60, grifos do autor). Elas tomaram partido a favor dos fracassados, são religiões de sofredores e dão razão a todos aqueles que sofrem com a vida. No entanto, enquanto davam consolo aos sofredores, ânimo aos oprimidos e desesperados, trabalhavam de maneira a inverter todas as valorações do mais bem logrado tipo homem. Assim, conservaram tudo o que era doente e sofredor e transformaram “todo amor às coisas terrenas e ao domínio sobre a Terra em ódio a tudo terreno” (NIETZSCHE, BM, A natureza religiosa, §62, p. 61). Essa transformação fez e faz o cristianismo vivo ainda hoje, pois enquanto favorece aos fracos, ele lhes é necessário como exigência de seu instinto de fraqueza.

Como tentaremos demonstrar no tópico seguinte, essa também é a chave de leitura pela qual Nietzsche desconfia e recusa o Deus cristão, pois este, ao ser apartado da vontade de poder, ou seja, ao ser mutilado de seus impulsos mais viris, assumindo uma fisiologia enfraquecida, conseqüentemente se tornou um Deus transcendente, o Deus que condena os instintos e pulsões naturais. Enfim, ele representa a transcendência dos valores que negam a vida.

2.3 A CONCEPÇÃO NIETZSCHIANA DO DEUS CRISTÃO

Considerando a crítica à desvalorização da vida como guia que nos auxilia a compreender o discurso hostil de Nietzsche em relação à religião cristã, então, faz-se necessário mostrar como esse critério também perpassa como um fio de Ariadne pela noção nietzschiana do Deus cristão. A abordagem desse e de outros temas nos fornecem evidências da interpretação que aqui propomos. Portanto, não se trata de retomar toda a crítica de Nietzsche ao Deus cristão, mas apenas de indicar como está na base dessa crítica a valorização ou desvalorização da vida. Posto isso, partiremos da seguinte questão: em que medida Nietzsche interpreta o Deus cristão como uma fórmula declarada contra a vida?

Para compreendermos bem isso é preciso ressaltar a maneira pela qual Nietzsche irá fazer tal abordagem. Ou seja, para o filósofo alemão, a crítica dessa noção de divino não se baseia em sua carência de lógica. Dito de outro modo, não é intenção de Nietzsche demonstrar meramente que Deus seja impossível de ser conhecido pela razão teórica (KANT, 2013), discussão essa que se encontrava no centro do pensamento filosófico do século XIX. Dessa maneira, o seu discurso crítico para tratar tal temática não se situa no âmbito epistemológico. Em que horizonte, então, encontra-se a compreensão de Nietzsche acerca da divindade cristã?

Mais do que um problema teórico-epistemológico, a questão do Deus cristão consiste no fato de que ele contribui para uma determinada forma de vida. De que tipo de vida essa representação divina está prenhe? A divindade em questão se mostra, ao contrário do que comumente se acredita, como desfavorável à vida, indicando uma vida fraca, decadente.

Como se pode observar na leitura d' O Anticristo, não só o conceito de **Deus**, mas também os de **alma**, **Eu**, **livre arbítrio**, **pecado**, **reino de Deus**, próprios do cristianismo, nada são senão pura ficção que carregam consigo um sentimento de ódio àquilo que é natural, à realidade. São fórmulas da decadência porque expressam um profundo mal-estar com o real. “Deus como fórmula para toda difamação do ‘aquém’, para toda mentira sobre o ‘além’! Em Deus o nada divinizado, a vontade de nada canonizada!...” (NIETZSCHE, AC, §18, p. 23).

Contudo, nem sempre essa foi a compreensão sobre Deus na face da terra. Daí a acusação de Nietzsche de que o conceito cristão de Deus foi corrupto. A corrupção do conceito cristão de Deus consiste justamente em torná-lo apenas do bem, enquanto que antes Deus representava a força de um povo, tudo de agressivo e sedento de poder da alma de um povo. “Um tal deus precisa ser capaz de ajudar e prejudicar, de ser amigo e inimigo – é admirado nas coisas boas e nas más” (NIETZSCHE, AC, §16, p. 21). Porém, com o cristianismo a divindade sofre uma castração de seus aspectos naturais. Ela é mutilada em seus impulsos e virtudes mais viris. Tonou-se antinatural!

Atento à transformação ocorrida, o filósofo, então, indaga: “Que significaria um deus que não soubesse o que é ira, vingança, inveja, escárnio, astúcia, violência? Que talvez não conhecesse nem os arbatadores *ardeurs* [ardores] da vitória e da destruição?” (NIETZSCHE, AC, §16, p. 21). Para o filósofo, as pessoas

não entenderiam um deus assim, pois o seu significado mais caro, ser vontade de poder, fora alterado. Isso mesmo, o conceito de Deus sofreu uma mudança. Ora, como pode o sentido de Deus ser transformado? Não se trata de um ser eterno, imutável?

Embora seja tematizado pela tradição filosófica e religiosa em uma perspectiva metafísica, isto é, como um ser de natureza eterna e imutável, já que não teve início no tempo, logo, não pode sofrer nenhuma alteração. Para a filosofia nietzschiana, no entanto, Deus tem uma história. Ao contrário da compreensão metafísica, a concepção de Nietzsche afirma que Deus tem um começo, um desenvolvimento e um fim. Na sua visão, também os deuses nascem, se desenvolvem e morrem. Aliás, os deuses precisam morrer! Afinal, “são mais de dois mil anos e nem um único deus novo! Mas sempre, como que existindo por direito, como um *ultimatum* e *maximum* da força plasmadora de deuses, do *creator spiritus* do homem, esse lastimável Deus do monótono-teísmo cristão!” (NIETZSCHE, AC, §19, p. 24).

Sendo assim, para compreendermos o sentido de Deus que predominou na história do pensamento ocidental como se só existisse essa forma de entender o divino, é mister, de acordo com Nietzsche, fazer uma genealogia desse ente supremo. Na medida em que realiza o procedimento genealógico, torna-se claro o que, na linguagem corrente, se mantém velado, obscuro. Para além de identificar aqui e acolá um referencial histórico concreto, o método genealógico que o filósofo propõe consiste em fazer com que seus leitores raciocinem em termos de categorias e não em termos de identificação historiográfica⁶ (RIBEIRO, 1998).

Uma vez praticado o método genealógico, Nietzsche revela-nos que não há apenas uma única compreensão de Deus, como tentara fazer acreditar parte da tradição cristã. Ademais, o filósofo genealogista destaca que a religião cristã, em sua pretensão de tornar o sentido de Deus único e universalmente válido para todos os povos, é a responsável por transvalorar o sentido, o valor do divino. Enquanto que outrora era entendido como vontade de poder, Deus na perspectiva cristã torna-se incapacidade de poder, isto é, torna-se apenas bom, o bom Deus. Só que nesse

⁶ Vale ressaltar ainda que o método genealógico encontra-se praticado na *Genealogia da moral*, obra redigida em Sils-Maria no verão de 1887.

momento não mais como a força de um povo, mas como símbolo de um bastão para cansados (NIETZSCHE, AC, §17, p. 22).

Por essa razão, o conceito cristão de Deus, segundo Nietzsche, é um dos mais corruptos já alcançado na terra, pois ao sofrer uma transformação radical se tornou hostilidade declarada à vida, à natureza, à vontade de vida. Em sua história, Deus “transfigurou-se em algo sempre mais fino e mais pálido, tornou-se ‘ideal’, ‘puro espírito’, tornou-se ‘*absolutum*’ [algo absoluto], ‘coisa-em-si” (NIETZSCHE, AC, §17, p. 23).

Ao fazer isso, Deus foi elevado a uma instância suprema externa e superior à existência, descolado da realidade, tornado autônomo, supremo, fonte de sentido universal e padrão normativo, metafísico. Esse Deus como **coisa-em-si**, metafisicamente compreendido, torna-se moral e, com isso, enquanto instância suprema, toda a realidade passa a ser julgada a partir de tal instância. Consequentemente, a vida atual, vista daquele ponto, é medida como inferior, pois encontra-se subordinada a uma verdade, a um mundo verdadeiro que serve de normatização para essa existência, considerada doravante como uma espécie de carência ontológica e por isso deve ser corrigida. Deus foi tornado um ideal, um puro absoluto.

Contudo, essa concepção persistiu e ainda hoje esse deus é aclamado como um deus bom em nossa cultura. Sendo assim, por qual motivo ele seria merecedor de fé? Na perspectiva de quem essa divindade ainda teria valor, já que acabou negando a realidade? Enfim, por quais motivos a religião cristã corrompeu o conceito divino? Do ponto de vista de Nietzsche, a divindade cristã é digna de fé para aquele que quer furtar-se mendazmente à realidade. Mas quem deseja isso? Quem com ela sofre. Mas sofrer com a realidade, afirma Nietzsche, significa ser uma realidade fracassada (NIETZSCHE, AC, §15, p. 21). Mas quem é esse homem que sofre com a realidade? Que carrega essa vida como um pesado fardo? Trata-se do homem do ocidente cristianizado. Este nega o mundo, a vida, e quer afirmá-la em relação a um outro mundo idealizado, melhorado, um mundo no qual se possa ser feliz, já que essa vida é só um eterno sofrimento. O homem cristão vê essa vida atual e as suas contingências como um sofrimento sem fim. Diante desse quadro marcado pela dor, sobretudo pela falta de motivo que justifique o sofrer, o homem cristão se sente fraco, doente, incapaz para o enfrentamento da vida em sua totalidade, ou seja, com toda a sua beleza, mas também com todas as dores e

contingências. Fragilizado, só lhe resta buscar a cura, isto é, a razão, o motivo ou entendimento do sentido para o sofrimento de sua existência. Só que tal cura não procede dele, senão de fora, de algo externo a ele mesmo. Nesse sentido, não pode deixar de encontrar a causa de seu mal e de dar-lhe sentido.

O sofrimento, nessa perspectiva, apresenta-se como o grande problema da existência humana. Mas eis que surge uma questão: o que mais incomoda o homem? O sofrer ou a ausência do sentido para o sofrimento? Visto que o homem sofre do problema do sentido de sua existência, ele chega até a admitir o sofrimento, desde que saiba o sentido do seu sofrer: “O não sentido do sofrimento, e não o sofrimento, é o grande problema de que sofre a humanidade” (NIETZSCHE, GM, III, §28, p. 149).

Mas para não perdermos o nosso fio condutor, cabe indagarmos: de que maneira a problemática do sofrimento nos ajuda a entender a transformação no conceito de Deus a partir da religião cristã? De acordo com Nietzsche, é mediante um determinado tipo de sofrimento que se torna oportuna a mudança do sentido divino. Segundo ele,

quando um povo está perecendo; quando sente que se esvanece definitivamente a fé no futuro, sua esperança de liberdade; quando a sujeição lhe aparece na consciência como a primeira vantagem, e as virtudes dos sujeitados como condições de conservação, também seu deus *tem* de mudar (NIETZSCHE, AC, §16, p. 21, grifo do autor).

Portanto, a fim de dar uma justificativa às experiências de dor, como o de ser sujeitado por um mais forte, que o Deus cristão foi identificado por Nietzsche como uma instância em si, idealizada, portanto, com o potencial de guiar e curar a existência de todas as suas imperfeições e atrocidades, já que aos olhos do homem cristão esses acontecimentos que seriam, numa perspectiva trágica próprios da vida, são compreendidos como objeções contra a vida, algo contrário à natureza, enfim, inimigos que devem ser combatidos. Aos olhos de Nietzsche, o cristianismo se revolta contra as condições fundamentais da vida.

Assim procedendo, o cristianismo é detectado como a religião responsável de transvalorar a compreensão de Deus enquanto afirmador da vida. Nessa mudança, o cristianismo desemboca numa negação da existência, da vida mesma. Pois, tomando Deus como um ideal, ele projeta para um outro **mundo verdadeiro**, uma existência idealizada, cuja felicidade plena jamais será alcançada nessa vida

atual. Como sua sustentação é uma espécie de edifício apoiado em nuvens, ou seja, extremamente frágil por não ter nenhum fundamento último sólido para se apoiar – um nada divinizado, ele procura negar o caráter agonístico e ameaçador da vida e, ainda por cima, cria estratégias não apenas de negação, mas de combate à vida, aos seus antagonismos.

Portanto, o Deus niilista cristão, um nada canonizado, normatiza o tipo vital, subverte o sentido ascensional da vontade de poder, criando ressentimento que se afirma a partir da negação dessa vontade de poder. Com outras palavras, a contradição entre o ideal (a vida em Deus) e o real (a vida atual), que gera uma negação contra as condições naturais da vida, traduz a experiência de uma impotência, de uma doença: o indivíduo se sente incapaz de querer o que é, compreender o que se passou, afirmar o que vem, compreender a morte, abrir mão de suas verdades, cair no rumo da noite. Diante dessa desvalorização da vida em sua totalidade, eis a súplica de Zaratustra:

Que o vosso morrer não seja uma blasfêmia contra os homens e a terra, meus amigos: eis o que suplico ao mel de vossa alma.
Em vosso morrer devem ainda refulgir o vosso espírito e a vossa virtude, como um crepúsculo a incendiar a terra: ou então vosso morrer terá malogrado (NIETZSCHE, ZA, Da morte voluntária, p. 71).

Uma vez que o Deus cristão em sua manifestação se distanciou da vida, tal deus não se tornou um orgulhoso deus pagão. Segundo Nietzsche, ele “continuou judeu, continuou o deus dos pequenos cantos, o deus das esquinas e paragens sombrias, dos locais insalubres de todo o mundo!” (NIETZSCHE, AC, §17, p. 23). Com o avanço desse Deus judaico-cristão o horizonte se tornou sombrio para Nietzsche: trata-se do ocaso da vida. Desse modo, o seu resumo acerca dessa divindade:

O conceito cristão de Deus – Deus como deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito - é um - dos mais corruptos conceitos de Deus que já foi lançado na Terra; talvez represente o nadir na evolução descendente dos tipos divinos. Deus degenerado em *contradição da vida*, em vez de ser transfiguração e eterna afirmação desta! Em Deus a hostilidade declarada à vida, à natureza, à vontade de vida! Deus como fórmula para toda difamação do “aquém”, para toda mentira sobre o “além”! Em Deus o nada divinizado, a vontade de nada canonizada!... (NIETZSCHE, AC, §18, p. 23, grifos do autor).

Para compreendermos, portanto, a interrogação de Nietzsche dirigida ao Deus cristão é imprescindível inscrevê-la nesse referencial: qual é o valor dessa representação para a vida? A representação cristã de deus, na visão nietzschiana, é a principal objeção contra a vida. Nele todos os instintos de *décadence*, todas as fadigas e covardias da alma têm sua sanção! Por isso, esse Deus não é merecedor de sua admiração, tampouco de sua fé. Pelo contrário, contra ele é declarada a grande maldição: em Deus, o nada divinizado!

Vimos que com o cristianismo a noção de Deus foi transformada, assumindo um sentido decadente, isto é, um símbolo para o homem fraco, aquele que se sente incapaz de enfrentar e viver a vida em sua totalidade, preferindo vivê-la apenas de modo parcial. Nessa parcialidade, a vida atual é sempre vivida como precária de sentido e, por isso, sempre vinculada a uma outra vista como verdadeira. A promessa dessa vida melhor, verdadeira, torna a vida suportável e tal promessa se liga à ideia de que é possível tornar-se digno e merecedor pela via do sacrifício. Por isso mesmo, o homem fraco, doente, tipicamente cristão, compreende essa vida atual como passageira, um meio de se purificar para gozar da vida eterna, junto de Deus, seu Salvador e Redentor, cujo reino se encontra no além, num mundo verdadeiro.

Como vimos, a vida é a base sobre a qual se apoia a crítica de Nietzsche ao cristianismo. Nesse caso, a religião cristã é compreendida como aquilo que a desvaloriza.

3 CONCLUSÃO

A filosofia de Nietzsche é crítica de tudo aquilo que diminui e enfraquece a vida. Seguindo esse critério, o autor de *O Anticristo* se opõe ao cristianismo. Enquanto religião que nega a vida, o cristianismo transparece em Nietzsche como perspectivas sobre a vida que plasmou a cultura do Ocidente. Por conseguinte, o cristianismo, na ótica do filósofo, é um elemento que se encontra para além das estruturas eclesiais. Por essa razão o cristianismo foi acusado de cultivar, através dos seus valores, um tipo de homem que se caracteriza por sua fraqueza. O cristão, para Nietzsche, é aquele que renega os próprios instintos, que é incapaz de grandes paixões.

Para Nietzsche, a religião não se encontra desgarrada da cultura. Pelo contrário, cultura e religião são bastante íntimas. Pode-se acrescentar nessa relação a própria questão de Deus. Mais do que um problema teórico-epistemológico, o problema de Deus em Nietzsche consiste no fato de que ele contribui para uma determinada forma de vida. Como foi discutida, a forma de vida engendrada pela divindade cristã sugere, segundo Nietzsche, uma vida fraca, decadente. Mais do que procurar um sentido lógico para Deus, o pensador se pôs a investigar o valor dele para a vida. A afirmação da vida também constitui o critério que perpassou a análise crítica do autor acerca do conceito divino. O anúncio da morte de Deus colocou, portanto, uma interrogação sobre determinada concepção divina que nega a vida. Nesse caso, a divindade cristã se mostrou como desfavorável à vida. O cristianismo que Nietzsche critica está relacionado com uma determinada forma de avaliar a vida. Esta forma ao longo de milênios estimou valores que negaram a vida, o corpo e a terra. A religião cristã é vista, portanto, como um sinal de desvalorização da vida.

NIETZSCHE'S CHRISTIANITY

ABSTRACT

This paper intends to show how Nietzsche criticizes the devaluation of life. As a worldview derived from Judaism and Platonism that provides a weak form of life, Christianity becomes the target of Nietzsche's missives. It is true that the philosopher is a voracious critic of this religious tradition. He does not spare words to show this. However, he does so in a peculiar way and based on a criterion: to what extent does a system favor or weaken life? As we hope to show, this criterion runs through all his criticisms of Christianity, from its notion of God to the construction of its morality, whose evaluative principle despises the body, the earth, and, in effect, weakens life. After all, if the critique of Christianity finds its basis in the negation of life, Nietzsche is not purely and simply a demolisher of religion itself.

Keywords: Nietzsche. Christianity. Devaluation of life.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, A. M. **Niilismo e hierofania**: uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche, Heidegger e a tradição cristã – Nietzsche, cristianismo e o Deus não-cristão. V. 1. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.
- FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FINK, E. **A Filosofia de Nietzsche**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- GIACOIA JUNIOR, O. **Labirintos da alma**: Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- HEIDEGGER, M. **Nietzsche II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. De Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- JASPERS, K. **Nietzsche**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1963.
- MARTON, S. **Nietzsche, filósofo da suspeita**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad.: Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Fragmentos póstumos 1885-1887**: volume VI. Trad.: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **A gaia ciência**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. A crítica ao cristianismo como religião ascética a luz da “Genealogia da moral” de Nietzsche. **Dissertação de Mestrado**. Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1998.
- ZILLES, U. Crítica à crítica de Feuerbach. In: **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991, pp. 112-119.

LANDIM, R. A. **A relação entre niilismo e cristianismo na filosofia tardia de Nietzsche**. Dissertação de Mestrado. PPCIR/UFJF, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/919>. Acesso em: 01 jun. 2022.

_____. **Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche**. Tese de Doutorado. PPCIR/UFJF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5623?mode=full> Acesso em: 01 jun. 2022.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. O tipo sacerdotal asceta e a política do sentido: abordagem a partir de Para a genealogia da moral, de F. Nietzsche. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, pp. 259-281, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21889>. Acesso em: 01 jun. 2022.